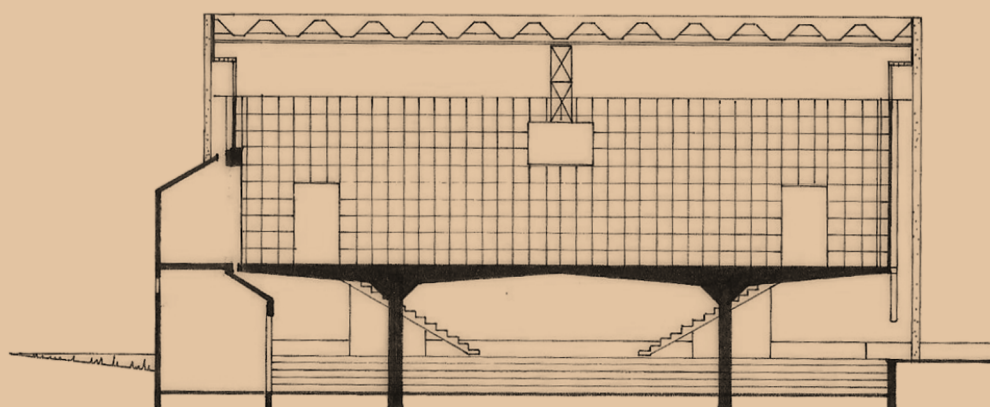


Notas para uma proposta de atelier

Jorge Osvaldo Caron*



0 1 2 5 10

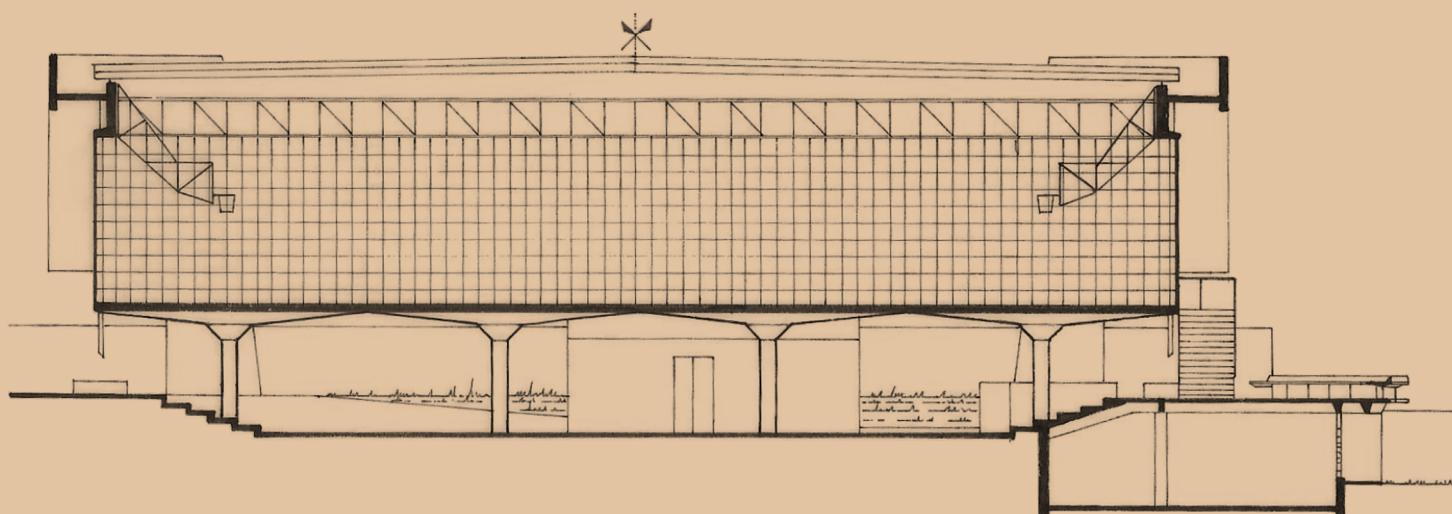


Figura da página anterior:
Corte - projeto de arquitetura do Ginásio da Escola Britânica em São Paulo - SP, autoria de Jorge O. Caron.. Fonte: Acervo Jorge Caron. (Imagem acrescentada pelos editores desta edição temática ao presente texto)

Introdução

Como este conjunto de observações se destina à discussão de um programa de Atelier, entendo que não cabe aqui uma análise histórica dos grandes momentos do ensino de arquitetura.

Nem das questões conjunturais que, neste momento, informam a estrutura de um processo de formação de arquitetos, ou da crise que o afeta.

Mas, mesmo partindo para uma abordagem direta da questão Atelier, não estaremos desligados dos debates e proposições que tantos encontros e simpósios de escolas de arquitetura produziram ao longo destes anos. A experiência e bibliografia geradas em 77 pela ABEA e FAUUSP, em 81 pela Escuelita, pelo encontro de Goiânia em 80 e o de Santos em 88, pelo encontro das UFRGS em 85, pela CLEFA, principalmente em 82, são básicos para esta discussão.

E, ainda, dentro da posição adotada por nosso curso de formar “um arquiteto que se apropria dos meios técnicos que informam a produção da arquitetura”, vemos que não nos afastamos da proposição do arquiteto Justo Sonsona ao procurar uma formação para uma arquitetura que possa ter suas bases no conhecimento de toda a experiência construída”. Proposta que era o embasamento da Escuelita, uma das mais ricas experiências de Atelier do início desta década.

Origem

Desde o início de nossas recentes escolas de arquitetura, o termo Atelier tem sido empregado como lugar-sítio, topos—onde se produzem os projetos. A origem, calcada no termo francês “atelier”, ficaria melhor explicitada se procurássemos seu correspondente em espanhol, “taller”, ou em inglês, “workshop”. Estes termos denotam mais o conceito de “oficina de projetos”, que, talvez, não tenha sido empregado para poder separar a atividade “superior” da projeção da prática aparentemente “trabalhadora” implícita na conotação da palavra “oficina”.

Mas, de qualquer forma, o termo francês “atelier” corresponde ao português “oficina”, significando o lugar onde se desenvolve um ofício e onde o trabalho comanda o produto final. Work in progress.

Em nosso caso particular, o ofício é o de arquiteto, o trabalho é o de projeção e seu produto final é arquitetura.

O Atelier, mais do que um lugar onde se projeta, é um processo de trabalho de projeto.

*Jorge Osvaldo Caron foi Arquiteto e Urbanista, Cenógrafo, Designer e Docente do atual Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Como tal tem uma natureza e uma dinâmica próprias que decorrem do trabalho que comanda o processo. Podemos anotar algumas características básicas:

- no Atelier, além do aporte de conhecimentos organizados, informáveis por disciplinas, se manifestam os conhecimentos adquiridos extra-escola, as experiências vivenciais familiares e urbanas, sociais e poéticas;
- a atividade do Atelier comandada por um projeto envolve todas as instrumentações que se encaminham à consecução desse projeto. Em outras palavras, instrumentações que incidem na apropriação do ofício de projetar arquitetura;
- o “dono” do Atelier é um projeto, portanto, todas as disciplinas entram como tributárias desse projeto, contribuindo para sua proposta, desenvolvimento e avaliação;
- ocorre que o Atelier tem o caráter de uma disciplina teórico-prática (mesmo que isto não corresponda à nossa estrutura curricular) absolutamente multi-disciplinar.

Seria longa e exaustiva esta listagem de pontos que explicitam a natureza do Atelier, a própria discussão poderá enriquecê-la e torná-la mais precisa. Mas há questões negativas que deveriam ser arroladas:

- na tradição Beaux Arts o “Atelier”, patrocinado por um arquiteto eminente (Atelier Perret, por exemplo), era uma oficina de “copiar” projetos. Atelier-tradição, de estilo. Não é este nosso modelo;
- já se passou por ateliers cuja natureza era o simulacro de um “escritório de projetos”, como aproximação um tanto caricatural de uma conjuntura profissional. Tampouco é este nosso modelo.

Sendo uma escola, lugar de aprender a pensar arquitetura, o Atelier é sua síntese. Lugar de pensar, elaborar, produzir o projeto. Segundo Rodrigo Lefreuve:

- “... o ensino no Atelier não pode ser feito tomando-se o ‘fazer um projeto’ como simples aplicação de conhecimentos e conceitos elaborados ou assumidos anteriormente. Cada vez mais precisamos tomar o ‘fazer um projeto’ como parte do desenvolvimento do conhecimento, como instrumento desse desenvolvimento.” (atelier no 1º Ano, FAUUSP, 1978).

Organização

“Uma edificação não pode ser limitada a uma função única, porque qualquer edificação é um cenário onde se desenvolve a vida humana, e a vida humana é heteromorfa. (...)”

“Um objeto não está ligado inevitavelmente a uma função única; de fato, existem raríssimos objetos que não cumprem uma série de funções ao mesmo tempo.” (Jan Mukarovsky – Structure, Sign and Functions)

A idéia da polifuncionalidade do espaço que se vivencia, arquitetura, tem no Atelier, como reflexo caleidoscópico, a interação do espaço de reflexão intra-escola e do espaço de vivência extra-escola. E, em segunda reflexão, no espaço-escola, a polidisciplinaridade, tanto quanto é polifuncional a vida lá fora.

Entendo que esta idéia de polidisciplinaridade preside a organização do Atelier. Não como uma forma mecânica e linear de integração, mas de uma interação real, que reúne conhecimentos e instrumentações no objetivo da elaboração de um projeto.

Enfim, que as decisões ao nível do *start*, desenvolvimento e alterações de percurso, conclusões e avaliações estejam no plano pluridisciplinar. Na prática, o Atelier se rege por um Conselho das disciplinas que dele participam. Fica evidente, neste ponto, a importância assumida pela Coordenação de Atelier.

O coordenador de Atelier é a instância mais próxima de provisão e inter-costura do Atelier. O Conselho se reúne nas questões básicas e amplas: temática, organização interna, avaliação, alterações. O coordenador organiza a continuidade, os entrecosques da prática quotidiana. A figura do nosso coordenador de ano passa a ser substituída pela de coordenador de Atelier.

Propõe-se para o Atelier uma estrutura programática anual, com promoção no mesmo período (ver adiante – AVALIAÇÃO), procurando, assim, criar um ritmo mais consequente no trajeto de um estudante através do curso.

É importante notar que, ao mesmo tempo que mantém uma interrelação com as disciplinas do período, o Atelier tem uma organização própria, baseada em seu programa de trabalho. Como já foi visto, não é correto imaginar o Atelier, de tarde, ser a aplicação prática das disciplinas da manhã. Isto é, que o Atelier não reflete, necessariamente, as questões organizadas e restritivas veiculadas no núcleo das disciplinas, colocando questões próprias.

“... a atividade de teoria deve ter um caráter investigativo, estando sempre voltada para um repertório amplo, que não vise aplicação imediata, quanto para investigação de soluções afins ao trabalho realizado em Atelier.” (Edson MAHFUZ, in I Encontro Nacional de Ensino de Projeto Arquitetônico, UFRGS, 1985)

Acredito que os professores sintam que, neste tipo de organização, posturas e programas tenham que readaptar-se, mas isto já era previsto no relatório da UNESCO de 1970, no Encontro de Especialistas em Ensino de Arquitetura (Zurich):

“... haverá uma tendência crescente de trabalho comum entre professores e estudantes no sentido de exploração de novos campos. Embora isto represente uma maior mudança da proposição dos professores, existem grandes vantagens educacionais nesta situação. “Os estudantes, realizando estudos multidisciplinares, estarão em contínua relação com outras disciplinas, cedo ultrapassarão seus professores se os mesmos não se habilitarem ou se dispuserem a rever seus processos de ensino.”

O sabor algo radical da proposição da UNESCO fica creditado ao momento histórico em que se deu, mas o espírito geral se mantém, vinte anos depois. De resto, entende-se que em uma Escola de Arquitetura todos os professores ensinam Arquitetura.

Temática

O congresso da ABEa de 1976 propõe, no capítulo sobre Ensino de Projeto:

“4. Esta interação não será feita tendo a cadeira de Projeto como espinha dorsal do ensino e, sim, através do Tema/Pesquisa onde todas as áreas do conhecimento atuariam conjuntamente.”

Esta idéia é fundamental para a estruturação de cada Atelier. O tema como proposição de trabalho é a linha de comando do Atelier em cada ano.

Dentro das questões gerais que o curso organiza para cada ano, o tema e seu programa são definidos pelo Conselho do Atelier do ano em questão.

O caráter da temática deveria ser amplo e preciso. Preciso, enquanto enfoca a responsabilidade, crescente período a período, do estudante sobre o objeto de seu trabalho. Amplo, abrindo para a riqueza de investigação que o processo deve abarcar. Em outras palavras, o projetar, no Atelier, é um modo de investigação, e a temática deve refletir isso.

Avaliação

Propõe-se um Atelier de periodicidade anual, se bem que esta primeira experiência esteja restrita ao segundo semestre do ano.

A avaliação, para tanto, tem que ser permanente e ter pontos precisos de consideração do processo do Atelier como um todo e de cada estudante em particular. A finalidade da avaliação será de orientar, de forma contínua, o trajeto do aprendiz ao longo do ano.

Não vejo um choque entre o Atelier anual e as disciplinas semestrais, desde que os percalços do primeiro semestre sejam recuperados no segundo, e, ainda criar a possibilidade de recuperação nas férias de verão. Isto aliado a um sistema compreensível de pré-requisitos, baseado em dois conceitos simples:

- As disciplinas do ano são co-requisitos do Atelier;
- O Atelier é pré-requisito das disciplinas do ano seguinte.

O que se procura é corrigir a trajetória errática de certos currículos individuais onde, sem projetos adiantados, alguém possa desconhecer questões primárias de história ou estrutura.

A promoção do Atelier é atribuição do Conselho que, como banca integrada por todas as disciplinas, analisa caso a caso, e avalia da promoção.

Conclusão

Acredito que esta proposta visa construir arquitetos, como homem do projeto que apropria em seu ato toda sua conjuntura artística e científica, poética e tecnológica, elaborando no presente questões que vêm a ser edificáveis.